



Educação Clássica

A.-D. SERTILLANGES

A VIDA INTELECTUAL

*Seu espírito,
suas condições,
seus métodos*



A VIDA INTELLECTUAL

Seu espírito, suas condições, seus métodos

Copyright © by Revue des Jeunes, 1934
Copyright da edição brasileira © 2016 É Realizações
Esta edição foi traduzida da edição de 1944, da J. Lecouvet, Vic. Gen., Paris, França, sob o título *La Vie Intellectuelle – Son Esprit, Ses Conditions, Ses Méthodes*

Editor

Edson Manoel de Oliveira Filho

Produção editorial, capa e projeto gráfico

É Realizações Editora

Revisão

Jessé de Almeida Primo

Produção de ebook

[S2 Books](#)

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor.

ISBN 978-85-8033-247-6

É Realizações Editora, Livraria e Distribuidora Ltda.
Rua França Pinto, 498 · São Paulo SP · 04016-002
Caixa Postal: 45321 · 04010-970 · Telefax: (5511) 5572 5363
atendimento@erealizacoes.com.br · www.erealizacoes.com.br

A VIDA INTELLECTUAL

Seu espírito, suas condições, seus métodos

A.-D. SERTILLANGES

Tradução
LILIA LEDON DA SILVA



É Realizações
Editora

SUMÁRIO

Capa

Créditos

Folha de Rosto

Prefácio à terceira edição

Prefácio à segunda edição

Introdução

Capítulo I – A Vocação Intelectual

I. O intelectual é um consagrado

II. O intelectual não é um isolado

III. O intelectual pertence a seu tempo

Capítulo II – As virtudes de um intelectual cristão

I. As virtudes comuns

II. A virtude própria ao intelectual

III. O espírito de oração

IV. A disciplina do corpo

Capítulo III – A organização da vida

I. Simplificar

- II. Conservar a solidão
- III. Cooperar com seus semelhantes
- IV. Cultivar os relacionamentos necessários
- V. Manter a dose necessária de ação
- VI. Preservar em tudo o silêncio interior

Capítulo IV – O Tempo do trabalho

- I. O trabalho permanente
- II. O trabalho à noite
- III. O início e o fim do dia
- IV. Os instantes de plenitude

Capítulo V – O campo do trabalho

- I. A ciência comparada
- II. O tomismo, quadro ideal do saber
- III. A especialidade
- IV. Os sacrifícios necessários

Capítulo VI – O espírito do trabalho

- I. O fervor da pesquisa
- II. A concentração
- III. A submissão ao verdadeiro
- IV. Os alargamentos
- V. O senso do mistério

Capítulo VII – A preparação do trabalho

- A – A leitura
 - I. Ler pouco
 - II. Escolher
 - III. Quatro espécies de leitura

IV. O contato com os gênios

V. Conciliar, em vez de opor

VI. Apropriar-se e viver

B – A organização da memória

I. O que é preciso memorizar

II. Em que ordem memorizar

III. Como proceder para memorizar

C – As anotações

I. Como anotar

II. Como classificar suas anotações

III. Como utilizar suas anotações

Capítulo VIII – O trabalho criador

I. Escrever

II. Desprender-se de si mesmo e do mundo

III. Ser constante, paciente e perseverante

IV. Fazer tudo bem feito e até o fim

V. Não tentar nada acima de seus limites

Capítulo IX – O trabalhador e o homem

I. Manter o contato com a vida

II. Saber relaxar

III. Aceitar as provações

IV. Apreciar as alegrias

V. Ansiar pelos frutos

Mídias sociais



PREFÁCIO

A terceira edição

Será este o momento certo para reeditar um escrito assim? Quando o universo está em chamas, será oportuno jogar sobre as brasas umas folhas de papel para serem queimadas em vez de formar uma fila e bombear água do poço?

O que se há de fazer? De qualquer forma a sensação que se tem é de esmagadora impotência. Mas se o presente só traz tormento e desconcerto, não se deveria passar através de tudo e preocupar-se com o porvir?

O porvir cabe a Deus e a nós, mas numa dada ordem. Ele não cabe antes de tudo à força, e sim ao pensamento. Após uma medonha devastação, será preciso reconstruir. Todos os elementos da civilização devem ser retomados na base. Arquitetos aventureiros virão com projetos. Já alguns se alardeiam. Poderão nossos mestres de obra chegar a um acordo condizente com a amplitude, a harmonia e a solidez que seria de se esperar? Queira Deus! Em todo caso, haverá muito trabalho para a reflexão. Há futuro para o conhecimento sob todos os aspectos que ele pode assumir em nossas complexas civilizações, quer passadas, quer em vias de renascer. O pensamento católico não terá o direito de cruzar os braços, tampouco o terão outros. Para todos os homens de boa vontade a lide vai ser imensa.

Convicto de ser detentor da verdade essencial a ele confiada pelo Cristo, o católico tem mais responsabilidade que qualquer um e, para estar à altura de assumi-la, ele tem de estar de posse de todos os seus meios, conferir seus métodos e preparar seu coração pela meditação sobre suas possibilidades bem como sobre suas obrigações.

Este livro não tem outro objetivo senão o de ajudá-lo nessa tarefa. Como em épocas mais calmas e entretanto necessitadas, o leitor saberá avivá-lo com uma chama nova que jorrará de sua própria consciência. Por si só, um texto não é nada, tal como uma viagem por si só tampouco é nada. Uma alma se faz necessária para concatenar entre si os méritos desta e as frases daquele, fazendo jorrar do contato essa luz misteriosa que se chama verdade ou que tem por nome beleza.

O efeito de um livro depende de cada um de nós. A última etapa definitivamente não é a do impresso que sai do editor, mas a do verbo mental que o próprio leitor elabora. Ante o chamado dos acontecimentos e em meio à aflição atual, mais do que nunca no dia seguinte a uma paz adquirida a tão alto preço e que recobrirá tantos destroços, confiamos que as considerações aqui expostas no tocante à vida intelectual encontrarão em nossos moços uma compreensão renovada e uma eficácia superior.

Eis porque reeditamos este trabalho. Sabemos que ele tem de se difundir em outros lugares, bem longe daquele onde veio ao mundo, e é-nos uma alegria pensar que amanhã, a necessidade devendo tornar-se universal, como hoje o caos, nosso humilde esforço poderá se unir ao dos melhores numa atmosfera comum renovada e nos dois mundos.

A.-D. SERTILLANGES, O.P.

Membro do Instituto

1944



PREFÁCIO

A segunda edição

A pequena obra hoje reeditada foi reimpressa já muitas vezes. Ela data de 1920. Eu não a havia relido. Eu me perguntava, ao abordá-la com um novo olhar e uma experiência quinze anos mais velha, se nela reconheceria meu pensamento. Encontro-o integralmente, salvo certos matizes que eu não deixarei de levar em consideração na revisão que ora assumo. A razão disso é que estas páginas, na verdade, não têm data. Elas saíram de meu âmago. Já as trazia em mim havia um quarto de século quando eclodiram. Escrevi-as como alguém que expressa suas convicções essenciais e abre seu coração.

O que me dá a confiança de que elas tiveram alcance é, com toda a certeza, sua repercussão de amplas proporções; mas é sobretudo o testemunho de cartas inumeráveis, umas me agradecendo pela ajuda técnica que eu levava até os obreiros do espírito, outras pelo calor que me diziam ter sido transmitido a ânimos jovens ou viris, a maioria por aquilo que parecia ao leitor a revelação dentre todas a mais preciosa: a do clima espiritual próprio à eclosão do pensador, a sua elevação, a seu progresso, a sua inspiração, a sua obra.

Eis aí efetivamente o principal. O espírito tudo rege. É ele que inicia, executa, persevera e conclui. Como ele preside a cada aquisição, a cada criação, ele dirige o trabalho mais secreto e mais exigente que opera sobre si o trabalhador por toda a sua carreira.

Não cansarei, assim espero, o leitor ao insistir uma vez mais nesse todo da vocação de pensador ou de orador, de escritor e de apóstolo. É verdadeiramente a questão prévia; é depois a questão de fundo, e é conseqüentemente o segredo do sucesso.

Querem os senhores compor uma obra intelectual? Comecem por criar em seu interior uma zona de silêncio, um hábito de recolhimento, uma vontade de despojamento, de desapego, que os deixem inteiramente disponíveis para a obra; adquiram esta disposição das faculdades mentais isenta do peso de desejos e de vontade própria, que é o estado de graça do intelectual. Sem isso, não farão nada, em todo caso, nada que valha.

O intelectual não é filho de si mesmo; ele é filho da Ideia, da Verdade eterna, do Verbo criador e animador imanente a sua criação. Quando pensa corretamente, o pensador segue Deus à risca; ele não segue sua própria quimera. Quando tateia e se debate no esforço da busca, ele é Jacó lutando com o anjo e “forte contra Deus”.

Não é natural, nessas condições, que o homem que recebeu o chamado repudie e esqueça deliberadamente o homem profano? Que deste ele rejeite tudo: sua leviandade, sua inconsciência, seu desleixo no trabalho, suas ambições terrenas, seus desejos orgulhosos ou sensuais, a inconsistência de seu querer ou a impaciência desordenada de seus desejos, suas complacências e suas antipatias, seus humores acrimoniosos ou seu conformismo, toda a inumerável rede de *impedimenta* [1] que obstruem o caminho do vero e impossibilitam sua conquista?

O temor a Deus é o começo da sabedoria, diz a Escritura. Esse temor filial não é no fundo senão o medo de si. No campo intelectual pode-se chamá-lo de atenção liberada de todas as preocupações inferiores e de fidelidade perpetuamente apreensiva ante a possibilidade de decair. Um intelectual deve estar sempre de prontidão para o pensar, isto é, para receber uma parte da verdade que

o mundo carrega em seu curso e que lhe foi preparada, para tal ou qual curva desse curso, pela Providência. O Espírito passa e não volta. Feliz de quem está pronto para não perder, para de preferência até provocar e aproveitar o milagroso encontro!

Toda obra intelectual começa pelo êxtase; só depois se exerce o talento do arranjador, a técnica dos encadeamentos, das relações e da construção. Ora, o que é o êxtase senão um elevar-se para longe de si mesmo, um esquecimento de se viver, de si próprio, para que viva no pensamento e no coração o objeto de nossa embriaguez?

A memória mesma participa desse dom. Existe uma memória baixa, uma memória de papagaio e não de inventor: esta aí causa obstrução, tapando as vias por onde flui o pensamento em proveito de palavras e fórmulas fechadas. Mas há uma memória engatilhada em todas as direções e à espera de uma eterna descoberta. Em seu conteúdo, nada há que venha "já pronto"; suas aquisições são sementes de futuro; seus oráculos são promessas. Ora, tal memória é também *extática*; ela funciona pelo contato com as fontes de inspiração; de modo algum se compraz de si mesma; o que encerra é novamente intuição, sob o nome de lembrança, e o eu de quem é hóspede se entrega por seu intermédio à exaltante Verdade tanto quanto à busca.

O que é verdadeiro para as aquisições e as consecuições era já verdadeiro para o chamado no início do percurso. Depois das hesitações da adolescência, quase sempre angustiada e perplexa, foi inevitável chegar à descoberta de si, à percepção desse impulso secreto que persegue em nós não sei qual resultado longínquo que a consciência ignora. Supõem que isso seja simples? "À escuta de si mesmo" é uma outra formulação para esta expressão: À escuta de Deus. É no pensamento criador que jaz nosso ser verdadeiro e nosso eu na forma autêntica. Ora, essa verdade de nossa eternidade, que domina nosso presente e prevê nosso porvir, é-nos revelada tão somente no silêncio da alma, silêncio dos vãos pensamentos que levam ao "divertimento" pueril e dissipador; silêncio dos barulhos de chamada que as paixões desordenadas não se cansam de fazer-nos escutar.

A *vocação* pede o *atendimento*, que, num esforço único para sair de si, escuta e atende.

O mesmo se dará por ocasião da escolha dos meios para ser bem-sucedido, da estruturação de seu modo de vida, de seus relacionamentos, da organização de seu tempo, da partilha entre a contemplação e a ação, entre a cultura geral e a especialização, entre o trabalho e os descansos, entre as concessões necessárias e as intransigências ferozes, entre a concentração que fortalece e as expansões que enriquecem, entre o retrair-se e o relacionar-se com gênios, pessoas com quem se tem afinidade de ideias, com a natureza ou a vida social etc. etc. Tudo isso só é avaliado com sabedoria quando em *êxtase* também, perto do eternamente verdadeiro, longe do eu que cobiça e é tomado de paixão.

E ao final a dádiva dos resultados e sua extensão estipulada lá no alto exigirão a mesma virtude de acolhida, a mesma postura desinteressada, a mesma paz em uma Vontade que não seja a nossa. Chega-se ao que se *pode*, e nosso poder precisa avaliar-se, para não se subestimar, de um lado, ou, inversamente, transbordar de presunção e jactância vazia. De onde vem esse julgamento senão de um olhar fiel à verdade impessoal e da submissão a seu veredicto, mesmo que isso nos custe um esforço ou um desapontamento secreto?

Os grandes homens nos parecem ter uma grande ousadia; no fundo, eles são mais obedientes que os outros. A voz soberana os alerta. É porque um instinto provindo dela os aciona que eles tomam, com coragem sempre e às vezes com grande humildade, o lugar que a posteridade lhes conferirá mais tarde, ousando atitudes e arriscando inovações com muita frequência contrárias a seu meio, sendo até mesmo alvo de sarcasmos. Eles não têm medo porque, por mais isolados que pareçam, não se sentem sozinhos. A seu favor está o que tudo decide no final. Eles pressentem seu futuro poder.

Nós temos sem dúvida de lidar com uma humildade de natureza totalmente diversa, nós devemos entretanto ir colher nossa inspiração nas mesmas alturas. É a altitude que mede a pequenez. Quem não possui o sentido das grandezas se deixa exaltar ou abater facilmente, quando não as duas coisas ao mesmo tempo. É para não pensar no escaravelho gigante que a formiga acha o ácaro demasiadamente

pequeno, e é para não sentir o vento dos cumes que o caminhante se demora languidamente nas encostas. Sempre conscientes da imensidão da verdade e da exiguidade de nossos recursos, jamais empreenderemos o que está além de nosso alcance, e iremos até o fim do nosso poder. Seremos felizes, então, com o que nos terá sido oferecido à nossa altura.

Não se trata aqui de pura mensuração. O motivo da observação é o fato de que o trabalho insuficiente ou pretensioso é sempre um trabalho malfeito. Uma vida empurrada muito para o alto ou largada muito lá embaixo é uma vida que se desorienta. Uma árvore pode ter uma rama e uma floração medíocre ou magnífica: ela não as chama e não as constrange; sua alma vegetal desabrocha pela ação da natureza no geral e das influências do ambiente. Nossa própria natureza geral é o pensamento eterno; recorreremos a ele com as forças que dele provêm e com os instrumentos que ele nos fornece: deve haver concordância entre o que recebemos em matéria de dons – incluindo-se a coragem – e o que devemos esperar em matéria de resultados.

O que não haveria para se dizer sobre essa disposição fundamental, ante um destino inteiramente dedicado à vida pensante! Mencionei as resistências e as incompreensões que agem contra os grandes; mas elas atingem também os pequenos: como resistir a elas sem um puro apego ao verdadeiro e sem autoesquecimento? Quando não se procura agradar o mundo, ele se vingará; se por acaso se consegue agradá-lo, ele ainda assim se vingará nos corrompendo. A única saída é trabalharmos longe dele, tão indiferentes a seu julgamento quanto prontificando-nos a ser-lhe úteis. O bom é, talvez, que ele nos repele e nos obriga assim a retirar-nos para nosso próprio interior, a crescermos por dentro, a controlar-nos, a aprofundar-nos. Esses benefícios vêm à proporção que nosso desinteresse se torna superior, isto é, que nosso interesse se centra naquilo que é o unicamente necessário.

Estaríamos nós mesmos sujeitos, para com outrem, às tentações da difamação, da inveja, das críticas sem fundamento, das disputas? Teríamos então de nos lembrar que inclinações como essas, ao perturbar o espírito, são nocivas à verdade eterna e são incompatíveis com seu culto.

É preciso observar nesse particular que a difamação, até um determinado nível, é mais aparente do que real e tem algum valor para a formação da opinião geral. Nós nos enganamos com frequência sobre o modo como os mestres falam uns dos outros. Eles se *criticam severamente*, mas bem sabem, mutuamente, o que valem, e criticam os outros quando não atribuem importância a isso.

Seja como for, o progresso em comum precisa de paz e de ação conjunta e sofre grande atraso por conta de estreitezas. Diante da superioridade de outrem, só resta uma atitude honrosa: amá-la, e ela se torna assim nossa própria alegria, nossa própria fortuna.

Uma fortuna diferente poderá nos tentar: a que se obtém mediante um êxito exterior, a bem dizer, hoje em dia, bastante raro, quando se trata de um verdadeiro intelectual. O público, de modo geral, é vulgar e só gosta da vulgaridade. Os editores de Edgar Poe diziam ser obrigados a pagar-lhe menos do que a outros, porque ele escrevia melhor que os outros. Conheci um pintor a quem um *marchand* de arte dizia: "Seria bom tomar umas aulas." – ?... – "Sim, para aprender a não pintar tão bem". O homem dedicado à perfeição não entende essa linguagem; ele não aceita por preço algum, sob forma alguma, ser um seguidor do que Baudelaire chamava de zoocracia. Mas e se essa dedicação esmorecesse?...

Mesmo não dando importância aos juízos de terceiros, não estamos nós à mercê, quando a sós, dos tolos julgamentos da vaidade e da puerilidade instintiva? "Nunca cales, nunca escondas de ti o que se pode pensar contra teu próprio pensamento", escreve Nietzsche. Já não se trata mais aí dos incompetentes e dos curiosos, e sim de nosso próprio testemunho em estado vigilante e íntegro. Quantas vezes não gostaríamos de desconversar, de alcançar a autossatisfação mesmo que enganosa, de dar-nos a preferência conquanto indevidamente! A severidade para consigo, tão propícia à retidão dos pensamentos e à preservação destes contra os mil riscos da busca, é um ato de heroísmo. Como declarar-se culpado e amar sua condenação sem o amor desvairado daquilo que julga?

Isso se corrige, é verdade, por um apego intransigente às nossas persuasões profundas, às intangíveis intuições que se encontram na base de nosso esforço e até de nossa crítica. Não se constrói sobre o nada, e os retoques do artesão não

afetam os primeiros alicerces. O que está assimilado e averiguado deve ser resguardado de retratações infundadas e de escrúpulos. É o mesmo amor pela verdade que assim o quer; é o mesmo desinteresse que se interessa, em nós, por aquilo que nos supera e que nem por isso deixou de vir alojar-se em nossa consciência. Apreciações como essas são delicadas; elas são porém necessárias. Sob hipótese alguma as elevadas certezas sobre as quais se assenta todo o trabalho da inteligência devem ser abaladas.

É inclusive o caso de defender-se, em nome desse mesmo apego, contra este *melhor* que se chamou muito adequadamente de inimigo do bom. Pode ocorrer, ao ampliar-se o campo da pesquisa, que ela se enfraqueça, e pode ocorrer, ao aprofundar-se nela para além de determinados limites, que o espírito fique perturbado e não consiga alcançar nada além de perplexidade. A estrela que se fita de modo por demais ardente e contínuo pode, em razão desse próprio fator, pôr-se a piscar cada vez mais e acabar desaparecendo do céu.

Não decorre daí que se deva evitar aprofundar-se, nem tampouco desprezar essa vasta cultura que é uma condição para o aprofundamento em qualquer setor; mas alerta contra os excessos, e aponto que o puro apego ao que é verdadeiro, sem paixão pessoal, sem frenesi, é o que constitui sua especificidade.

Existe ainda uma outra defesa contra a precipitação nos julgamentos e na elaboração das obras. Ninguém se deixa ofuscar, quando ama a verdade, por uma ideia brilhante à qual se deu por auréola meras banalidades. Não é assim que uma obra adquire seu valor. Pode acontecer que o mais medíocre dos seres encontre uma ideia, como se fosse um diamante bruto ou uma pérola. O difícil é lapidar essa ideia e sobretudo engastá-la na joia da verdade que será a verdadeira criação.

“Na categoria dos leitores precipitados de uma obra”, diz o sr. Ramon Fernandez usando uma formulação divertida, “eu incluiria de bom grado o autor da mencionada obra”. Está muito bem! Mas de onde provém essa pressa negligente, que absolve de antemão um leitor menos interessado e menos responsável? Ela deverá ser evitada, por uma dedicação mais profunda tão somente à verdade.

Será preciso igualmente abster-se de se lançar sobre um tema específico que se gostaria de desenvolver sem ter investigado seus antecedentes gerais e seus vínculos. Ser *múltiplo* por longo tempo é a condição para ser *uno* sem perder a riqueza. A unidade do ponto de partida não é senão um vazio. Isso se sente quando a elevada e misteriosa verdade tem nosso culto. Se não utilizarmos então tudo quanto aprendemos, restará no que dissermos uma ressonância secreta, e a confiança recompensa essa plenitude. É um grande segredo o de saber fazer com que uma ideia se irradie graças a seu fundo feito de noite crepuscular. Outro segredo é o de fazer-lhe conservar, apesar desse fulgor, sua força de convergência.

O fracasso nos espreita, ou chega a ser sequer sentido? É hora de se refugiar no culto imutável, incondicionado, que havia inspirado o esforço. “Meu cérebro se transformou num retiro para mim”, escreve Charles Bonnet. Acima do cérebro está aquilo a que ele se consagra, e o retiro, então, é de uma segurança toda especial. Mesmo à custa de muita dor, a criação é uma alegria, e, mais do que a criação, a veneração da ideia de onde ela procede.

De mais a mais, como observava Foch, “é com resíduos que se ganham as batalhas”. Um fracasso em tal coisa é o que prepara para uma vitória em tal outra, para uma vitória, em suma, como fica assegurado a qualquer um que tenha mérito e faça esforço.

*

Quero assinalar um último efeito da submissão absoluta da qual acabo de tecer o elogio. Ela limita nossas pretensões não apenas pessoais, mas também humanas. A razão não pode tudo. Sua última ação, segundo Pascal, consiste em constatar seus limites. Ela o faz tão somente se ela se entregou à sua primeira lei, que não é sua verdade própria, encarada como propriedade ou como conquista, mas a Verdade impessoal e eterna.

Aqui, mais nenhuma limitação para a honra, pelo próprio fato de se haver renunciado à fatuidade. O mistério compensa. A fé substituída à busca arrasta o espírito em vastidões que ele jamais teria conhecido por si mesmo, e a luminosidade de seu próprio plano só tem a ganhar com o fato de que astros

longínquos o obriguem a voltar o olhar para o céu. A razão tem por ambição apenas um mundo; a fé lhe dá a imensidão.

*

Não quero prolongar mais esse discurso. Tornar-se-á necessariamente a encontrá-lo, visto ser seu objeto o de assinalar onde está o todo.

Este todo, defendi-lhe os direitos com uma incapacidade de que tenho plena consciência e pela qual peço desculpas. Faço votos de que minhas sugestões no que toca a ele, por mais insuficientes que sejam, contribuam para trazer até ele melhores panegiristas e mais ardentes servidores.

A.-D. SERTILLANGES

Dezembro de 1934



INTRODUÇÃO

Encontra-se entre as obras de Santo Tomás uma carta a um certo frei João, onde são enumerados *Dezesseis Preceitos para Adquirir o Tesouro da Ciência*. Essa carta, seja ela autêntica ou não, pede para ser examinada em si mesma; ela não tem preço; gostar-se-ia de deixar gravados todos os seus termos no íntimo do pensador cristão. Acabamos de publicá-la mais uma vez na sequência das *Orações* do mesmo Doutor, nas quais se condensa seu pensamento religioso e transparece sua alma.[\[2\]](#)

Tivemos a ideia de comentar os *Dezesseis Preceitos* a fim de anexar-lhes o que pode vir a ser útil lembrar aos estudiosos modernos. Na prática, esse procedimento nos pareceu um tanto limitado, preferimos agir mais livremente. Mas a substância desse pequeno volume nem por isso deixa de ser totalmente tomista; nele se encontrará o que nos *Dezesseis Preceitos*, ou em algum outro escrito, o mestre sugere quanto aos caminhos por onde conduzir o espírito.

*

Este livrinho não tem a pretensão de substituir *As Fontes*; ele em parte faz referência a elas. O autor não esqueceu, não mais que muitos outros sem dúvida, a

comoção de seus vinte anos, quando o padre Gratry estimulava nele o ardor pelo saber.

Numa época que tanto necessita de luz, vamos lembrar tão frequentemente quanto possível as condições que permitem obter-se luz e preparar sua difusão por meio de obras.

*

Não se tratará aqui da produção em si mesma: seria o objeto de um outro trabalho. Mas a mente é sempre a mesma, quer ao propiciar o enriquecimento, quer ao proceder a um sábio dispêndio.

Devendo dizer mais para a frente que o dispêndio é nesse caso um dos meios da aquisição, não podemos duvidar da identidade dos princípios que tornam, em ambas as situações, nossa atividade intelectual fecunda.

É uma razão para ter a esperança de ser útil a todos.

CHANDOLIN, *15 de agosto de 1920*



CAPÍTULO I

A Vocação Intelectual

I. O INTELLECTUAL É UM CONSAGRADO

Falar de vocação é referir-se àqueles que pretendem fazer do trabalho intelectual sua vida, quer por disporem de todo o seu tempo para dedicar-se ao estudo, quer por, estando comprometidos com ocupações profissionais, reservarem para si como um feliz complemento e uma recompensa o profundo desenvolvimento do espírito.

Digo profundo para descartar a ideia de tintura superficial. Uma vocação não se satisfaz de modo algum com leituras soltas e trabalhinhos esparsos. Trata-se de penetração e de continuidade, de empenho metódico com vistas a uma plenitude que responda ao chamado do Espírito e aos recursos que lhe agradou repassar-nos.

Esse apelo não deve ser prejulgado. Só se incorreria em contrariedades ao lançar-se num caminho onde não se pudesse avançar a passo firme. O trabalho é imposto a todos, e depois de uma primeira formação onerosa, ninguém estará agindo com sabedoria se deixar seu espírito retornar pouco a pouco a seu estado de indigência inicial. Mas uma coisa é a manutenção tranquila do que se adquiriu,

outra coisa a retomada desde a base de uma instrução sabidamente provisória apenas, que se considera unicamente um ponto de partida.

É esse último estado de espírito que corresponde ao de um chamado. Ele implica uma resolução séria. A vida de estudo é austera e impõe pesadas obrigações. Ela traz compensações, por sinal, generosas; mas ela exige um investimento à altura de poucos. Os atletas da inteligência, tal como os do esporte, devem prever as privações, os longos treinos e uma tenacidade às vezes sobre-humana. É preciso entregar-se de todo o coração para que a verdade se entregue. A verdade só está a serviço de seus escravos.

Uma tal orientação não deve ser adotada antes de uma longa deliberação consigo mesmo. A vocação intelectual é como todas as demais: ela está inscrita em nossos instintos, em nossas capacidades, em não sei que impulso interior que a razão controla. Nossas disposições são como as propriedades químicas que determinam, para cada corpo, as combinações nas quais esse corpo pode entrar. Isso não pode ser dado. Isso vem do céu e da natureza primeira. Tudo é uma questão de ser obediente a Deus e a si mesmo depois de ter-lhes ouvido a voz.

Seguindo essa interpretação, o dito de Disraeli, "Façam o que lhes agrada, contanto que isso lhes agrade de fato", comporta um significado importante. O gosto, que está em correlação com as tendências profundas e com as aptidões, é um excelente juiz. Se Santo Tomás pôde dizer que o prazer qualifica as funções e pode contribuir para a classificação dos homens, isso deve levá-lo a concluir que o prazer pode também desvendar nossas vocações. É tão somente necessário perscrutar bem para dentro dessas profundezas onde o gosto e o impulso espontâneo se unem aos dons de Deus e sua providência.

Além do interesse imenso de se realizar plenamente a si mesmo, o estudo de uma vocação intelectual comporta um interesse geral ao qual ninguém pode se furtar.

A humanidade cristã é composta de personalidades diversas, dentre as quais nenhuma abdica sem empobrecer o grupo e sem privar o Cristo eterno de uma parte de seu reinado. O Cristo reina pelo seu desdobramento. Toda vida de um de seus "membros" é um instante qualificado de sua duração; todo caso humano e

cristão é um caso incomunicável, único e por conseguinte necessário, da extensão do "corpo espiritual". Se alguém for designado como porta-luz, que não vá encobrir com um anteparo o brilho diminuto ou resplandecente que se espera dele na casa do Pai de família. Amem a verdade e seus frutos de vida, por si próprios e pelos outros; consagrem ao estudo e a seu uso a maior parte de seu tempo e de seu coração.

Todos os caminhos, exceto um, lhes são ruins, já que se afastam da direção onde sua ação é esperada e requisitada. Não sejam infiéis a Deus, a seus irmãos e a si próprios rejeitando um chamado sagrado.

Isso deixa pressupor que venham à vida intelectual com propósitos desinteressados, não por ambição ou tola vaidade. Os chamariscos da publicidade só tentam os espíritos fúteis. A ambição ofende a verdade eterna quando a transforma em sua subordinada. Brincar com as questões que dominam a vida e a morte, com a natureza misteriosa, com Deus, conseguir para si um destino literário ou filosófico em detrimento do verdadeiro ou fora do compromisso com o verdadeiro não seria um sacrilégio? Tais objetivos, o primeiro sobretudo, não dariam respaldo ao pesquisador; ver-se-ia prontamente o esforço esmorecer e a vaidade tentar se satisfazer com o vazio, sem preocupação com as realidades.

Mas isso deixa supor também que à aceitação do fim acrescentamos a aceitação dos meios, sem o que a submissão à vocação não teria muita seriedade. Muitos gostariam de saber! Uma vaga aspiração conduz as multidões em direção a horizontes que a maioria admira de longe, como o portador de gota ou de coqueluche o faz com as neves eternas. Obter sem pagar é o desejo universal; mas é um desejo de corações covardes e de cérebros enfermos. O universo não acorre ao primeiro sussurro, e a luz de Deus não aparece sob nossa lâmpada sem o rogo de nossa alma.

O senhor é um consagrado: queira o que quer a verdade; consinta, por ela, a mobilizar-se, a instalar-se nos setores próprios a ela, a organizar-se e, por ser inexperiente, a apoiar-se na experiência dos outros.

"Se a juventude soubesse!..." São os jovens principalmente que precisam desse aviso. A ciência é um *conhecimento pelas causas*; porém, ativamente, no que diz

respeito a sua produção, ela é uma *criação pelas causas*. É preciso conhecer e adotar as causas do saber, em seguida instalá-las, e não repelir a preocupação com os fundamentos até o momento de assentar a cobertura.

Nos primeiros anos de liberdade depois dos estudos, com a terra intelectual recém-revolvada e as sementes lançadas, quantas e quão belas culturas não se poderiam empreender! É o tempo que não se recuperará mais, o tempo sobre o qual repousará a vida mais tarde. Tal como ele terá sido, assim seremos nós, pois não se podem fincar novas raízes. Viver na superfície o castigará por ter negligenciado, a seu tempo, o futuro que sempre herda do passado. Que cada qual pense a respeito, enquanto pensar ainda pode vir a ser útil.

Quantos jovens, a pretexto de se tornarem trabalhadores, desperdiçam miseravelmente seus dias, suas forças, sua seiva intelectual, seu ideal! Ou eles não trabalham – têm tempo de sobra pela frente! – ou eles trabalham mal, por capricho, sem saber nem quem são, nem para onde querem ir, nem como se caminha. Aulas, leituras, amizades, dosagem do trabalho e do descanso, da solidão e da ação, da cultura geral e da especialização, sentido do estudo, arte de extrair e de empregar os dados adquiridos, realizações provisórias que anunciam o trabalho vindouro, virtudes a obter e a desenvolver, nada está previsto, nada alcançará a satisfação.

Contudo, que diferença, quando se sabe que dispõem dos mesmos recursos, entre aquele que sabe e que prevê, e aquele que vive só de improvisos! “O gênio é uma longa paciência”, mas uma paciência organizada, inteligente. Não há necessidade de faculdades extraordinárias para realizar uma obra; estar um pouco acima da média já é o bastante; o restante é fornecido pela energia e por suas aplicações sensatas. É como o que se dá com um operário honesto, comedido e trabalhador: ele consegue, enquanto o inventor não passa às vezes de um ser fracassado e azedo.

*

Tudo o que aqui digo é válido para todos. Eu o aplico entretanto especialmente àqueles que sabem não dispor senão de uma parte de sua vida, a mais precária, para

se dedicar aos trabalhos da inteligência. Esses devem, mais que os outros, ser consagrados. O que eles não podem distribuir ao longo de seu tempo de existência, terão de condensá-lo num curto espaço. O ascetismo especial e a virtude heroica do trabalhador intelectual deverão ser sua prática cotidiana. Mas se eles consentirem com essa dupla oferenda de si próprios, eu lhes digo, em nome do Deus da verdade, que eles não desanimem.

Se a genialidade não é indispensável para produzir, tanto menos necessário é ter plena liberdade. Bem melhor ainda, esta tem armadilhas que obrigações rigorosas podem ajudar a vencer. Uma correnteza comprimida entre margens estreitas se atirá mais longe. A disciplina exigida pela profissão é a melhor escola: ela é proveitosa para os lazeres de estudo. Sob pressão, nos concentraremos mais, aprenderemos o valor do tempo, nos refugiaremos com ímpeto nessas horas raras em que, o dever estando satisfeito, temos encontro com o ideal, em que gozamos da descontração numa ação que escolhemos, depois da ação imposta pela áspera existência.

O trabalhador que encontra assim no novo esforço a recompensa pelo esforço antigo, que o transforma em seu tesouro de avarento, é em geral um apaixonado; não se pode desprendê-lo do que fica assim consagrado pelo sacrifício. Se seu ritmo parece mais lento, ele tem como empurrá-lo mais adiante. Pobre tartaruga trabalhadeira, nada de entreter-se, só perseverança, e ao cabo de alguns poucos anos terá ultrapassado a lebre indolente cujo ritmo desimpedido causava inveja a seu andar penoso.

Avaliem o mesmo trabalhador isolado, privado de recursos intelectuais e de convívios estimulantes, enfiado em algum fim de mundo interiorano onde ele parece condenado a apodrecer, exilado longe das ricas bibliotecas, das aulas brilhantes, do público vibrante, possuindo apenas a si mesmo e obrigado a tirar tudo desses fundos inalienáveis.

Ora! Que este tampouco se desencoraje! Tendo tudo contra si, que ele preserve a si mesmo e que isso lhe baste. Um coração ardente tem mais chances de chegar lá, nem que seja em pleno deserto, do que um sujeitinho do *Quartier Latin* usando e abusando da fartura. Aqui, mais uma vez, da dificuldade pode brotar força. Só nos

retesamos para conseguir melhor apoio nas montanhas nos trechos difíceis. As trilhas planas nos deixam relaxados e o relaxamento sem controle se torna depressa calamitoso.

O que vale acima de tudo é o querer, um querer profundo: querer ser alguém; chegar a alguma coisa; ser desde já, pelo desejo, esse alguém qualificado por seu ideal. No restante sempre se dá um jeito. Livros existem por toda parte e só bem poucos são indispensáveis. Relações, estímulos, podemos encontrá-los espiritualmente em nossa solidão: os grandes seres estão aí, presentes a quem os invocar, e os grandes séculos impulsionam por trás o pensador fervoroso. Os cursos, aqueles que deles dispõem não os frequentam ou os frequentam mal se eles não tiverem neles mesmos algo que lhes permita abrir mão, caso necessário, desse privilégio. Quanto ao público, se às vezes ele nos excita, com frequência nos perturba, nos dispersa, e de que vale recolher uma moeda na rua se enquanto isso podemos estar perdendo uma fortuna? Mais vale a solidão apaixonada, onde cada grão tem uma produtividade de cem por um e cada raio de sol engendra as cores douradas do outono.

Santo Tomás de Aquino, vindo estabelecer-se em Paris e descobrindo a grande cidade de longe, disse ao frade que o acompanhava: "Irmão, eu daria tudo isso pelo comentário de Crisóstomo a São Mateus". Quando se experimenta sentimentos como esse, não importa onde se está nem de que se dispõe; está-se marcado pelo sinal; é-se um eleito do Espírito; só resta perseverar e confiar-se à vida tal como Deus a determina.

Jovem, o senhor que entende esse linguajar e que os heróis da inteligência parecem chamar misteriosamente, mas que receia estar despreparado, escute-me. O senhor dispõe de duas horas por dia? Pode comprometer-se a resguardá-las com todo o egoísmo possível, a empregá-las com todo o ardor possível, e, em seguida, destinado, também o senhor, ao *Reino de Deus*, é-lhe possível *beber o cálice* cujo sabor requintado e amargo estas páginas gostariam de dar-lhe a experimentar? Se a resposta for sim, tenha confiança. Mais do que isso, encontre repouso na certeza.

Obrigado a ganhar sua vida, pelo menos poderá ganhá-la sem ter de sacrificar, como acontece frequentemente, a liberdade de sua alma. Abandonado, isso só o

arremessará com maior violência ainda rumo a seus nobres fins. A maioria dos grandes homens exerceram uma profissão. As duas horas que eu peço, muitos declararam que elas bastam para um destino intelectual. Aprenda a administrar esse pouco tempo; mergulhe todos os dias de sua vida na fonte que sacia e torna a dar sede.

Quer ajudar, a seu modo humilde, a perpetuar a sabedoria entre os homens, a colher a herança dos séculos, a fornecer ao presente as regras do espírito, a descobrir os fatos e as causas, a orientar os olhos inconstantes para as causas primeiras e os corações para os fins supremos, a reavivar se necessário a chama que declina, a organizar a propagação da verdade e do bem? É seu quinhão. Isso vale sem dúvida um sacrifício adicional e a manutenção de uma paixão exclusivista.

O estudo e a prática do que o padre Gratry chama de a *Lógica viva*, isto é, o desenvolvimento de nosso espírito, ou verbo humano, por seu contato direto ou indireto com o Espírito e o Verbo divino, esse estudo grave e essa prática perseverante lhe abrirão a entrada do santuário admirável. O senhor estará entre os que crescem, que adquirem e se preparam para os dons magníficos. O senhor também, um dia, se Deus quiser, encontrará um lugar na assembleia dos nobres espíritos.

II. O INTELECTUAL NÃO É UM ISOLADO

Uma outra característica da vocação intelectual consiste no fato de que o trabalhador cristão, que é um consagrado, não deve ser um isolado. Qualquer que seja a situação, por mais abandonado ou retirado que se suponha que esteja materialmente, ele não deve se deixar tentar pelo individualismo, imagem deformada da personalidade cristã.

A solidão vivifica tanto quanto o isolamento paralisa e esteriliza.

De tanto ser uma alma, acaba-se por deixar de ser um homem, diria Victor Hugo. O isolamento é inumano; pois trabalhar humanamente é trabalhar com o sentimento do homem, suas necessidades, suas grandezas, solidariedade que nos une numa vida intimamente partilhada.

Um trabalhador cristão deveria viver constantemente no universal, na história. Já que ele vive com Jesus Cristo, não pode dele separar as épocas, nem os homens. A vida real é uma vida una, uma vida de família imensa com a caridade por lei: se o estudo quer ser um ato de vida, não uma arte pela arte e uma monopolização do abstrato, ele deve deixar-se reger por essa lei de unidade cordial. “Rezamos diante do crucifixo” diz Gratry – devemos também trabalhar diante dele – “mas a verdadeira cruz não está isolada da terra”.

O verdadeiro cristão manterá permanentemente diante dos olhos a imagem desse globo onde a cruz está fincada, onde os humanos necessitados erram e sofrem, e onde o sangue redentor, em filetes numerosos, procura vir a seu encontro. A porção de claridade que ele detém o reveste de um sacerdócio; o que ele quer alcançar com isso é uma promessa implícita de dom. Toda verdade é prática; a mais abstrata em aparência, a mais elevada, é também a mais prática. Toda verdade é vida, orientação, caminho em vista do fim humano. Eis porque Jesus Cristo disse como uma afirmação única: “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”.

Trabalhem pois sempre num espírito de utilização, como prega o Evangelho. Ouçam o gênero humano rumorejar a seu redor; identifiquem, em meio a todos, tais e tais, indivíduos ou grupos, de quem conhecem a indigência; descubram o que pode arrancá-los da noite, enobrecê-los, o que, de perto ou de longe, os salva. Não há santas verdades que não sejam as verdades redentoras, e não seria em vista de nosso trabalho como de tudo o mais que o Apóstolo disse: “A vontade de Deus é que sejais santos”?

Jesus Cristo precisa de nosso espírito para sua obra como ele precisava, sobre a terra, de seu próprio espírito humano. Tendo ele partido, nós lhe damos continuidade; temos essa honra incomensurável. Somos seus “membros”, conseqüentemente seu espírito por participação, conseqüentemente seus cooperadores. Ele age por nós no exterior e por seu Espírito inspirador no interior como quando, estando vivo, agia no exterior por sua voz e no interior por sua graça. Nosso trabalho sendo uma necessidade dessa ação, trabalhem como Jesus meditava, como ele se provia, para distribuir, nas fontes do Pai.

III. O INTELLECTUAL PERTENCE A SEU TEMPO

E, depois, pensem que se todos os tempos são iguais perante Deus, se sua eternidade é um centro radiante onde todos os pontos da circunferência do tempo se apresentam a igual distância, o mesmo não se dá com os tempos e conosco, que residimos na circunferência. Estamos aqui, sobre a vasta roda, não em outro lugar. Se aqui estamos, é que Deus aqui nos colocou. Todo momento da duração nos diz respeito e todo século é nosso próximo, assim como todo homem. Essa palavra próximo, porém, é uma palavra relativa, que a sabedoria providencial especifica para cada um, e que cada um, em sua sabedoria submissa, deve especificar da mesma forma.

Eis-me, homem do século XX, contemporâneo de um drama permanente, testemunha de transtornos como talvez nunca o globo havia visto desde que surgiram os montes e que os mares foram perseguidos para dentro de seus antros. O que devo fazer por esse século resfolegante? Mais do que nunca o pensamento aguarda os homens e os homens o pensamento. O mundo está em perigo por falta de máximas de vida. Estamos num trem propelido a toda velocidade, sem nenhuma sinalização à vista, nenhum agulheiro. O planeta não sabe para onde está indo, sua lei o largou: quem vai lhe restituir o sol?

Ao dizer isso não tenciono restringir o campo da pesquisa intelectual e confiná-la no estudo exclusivamente religioso. Isso ficará claro. Já disse que toda verdade é prática, que toda verdade salva. Mas aponto um espírito, e esse espírito, do ponto de vista da ocasião atual como de modo geral, exclui o diletantismo.

Ele descarta também uma determinada tendência arqueológica, um amor pelo passado que não dá a devida importância às dores do presente, um apreço dado ao passado que parece ignorar a presença universal de Deus. Todos os tempos não se equivalem, mas todos os tempos são tempos cristãos e há um que para nós e na prática os supera todos: o nosso. Com vistas a ele existem nossos recursos inatos, nossas graças de hoje e de amanhã, conseqüentemente também os esforços que devem trazer-lhe uma resposta.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Vida Intelectual: Seu espírito, suas..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).